

## A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS TURISMÓLOGOS: UM CAMINHO PARA UM TURISMO SUSTENTÁVEL

*Paola Luciana Rodriguez Peciar\**

**Resumo:** O presente artigo trata da importância dos conhecimentos em Educação Ambiental na formação acadêmica dos bacharéis em turismo, como pressuposto para a sustentabilidade da referente atividade. Discutir uma nova concepção de desenvolvimento turístico, centrada em compromissos sociais e ambientais e em planejamento em longo prazo, requer uma revisão sobre a formação dos profissionais que deverão estar comprometidos com estas questões. Dessa forma, este estudo pretende ampliar as discussões sobre a relação conflituosa entre as exigências do mercado de trabalho e o profissional formado nos cursos de bacharelado em turismo. Sabe-se que uma das lacunas no processo de ensino-aprendizagem como um todo no Brasil, não somente em nível escolar mas também em nível universitário, é o da descontextualização dos conteúdos ministrados em aula em relação à realidade sócio-cultural e ambiental dos alunos. Isto acarreta dentre outras falhas, a falta de conscientização e de posicionamento crítico acerca dos problemas da contemporaneidade, dentre eles, os de ordem ambiental.

**Palavras-Chave:** Educação Ambiental; Formação do Turismólogo; Turismo Sustentável.

### **A Educação Ambiental como pressuposto para um Turismo Sustentável**

O turismo como fenômeno social contemporâneo constitui-se em uma atividade de extrema importância, perante a crescente complexidade dos diferentes grupos humanos. Compreendê-lo implica ter um amplo conhecimento dos diversos aspectos que o abrangem e, principalmente, saber vivenciá-lo.

Segundo IGNARRA (2001), a oferta turística é constituída por um conjunto de elementos que conformam um atrativo turístico<sup>1</sup>. Esses atrativos estão relacionados com as

---

\* *Bacharel em Turismo; aluna do curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM; e-mail: paolapeciar@yahoo.com.br*

motivações de viagens dos turistas e a avaliação que os mesmos fazem desses elementos, dessa forma, o autor complementa:

O atrativo possui, via de regra, maior valor, quanto mais acentuado for seu caráter diferencial. O turista procura sempre conhecer aquilo que é diferente do seu cotidiano. Assim, aquele atrativo que é único, sem outros semelhante, possui maior valor para o turista (IGNARRA, 2001. p.48).

A EMBRATUR<sup>2</sup>, desenvolveu uma metodologia de hierarquização dos atrativos turísticos, dividindo-os em culturais e naturais, classificando estes últimos nos dez itens a seguir: Montanhas, Planaltos e Planícies, Costas ou Litoral, Terras Insulares, Hidrografia, Pântanos, Fontes Hidrominerais e/ou Termas, Parques e Reservas de Flora e Fauna, Grutas/Cavernas/Furnas e Áreas de Caça e Pesca.

Os ambientes naturais apresentam-se, a cada dia, com maior valorização turística, destacando-se, muitas vezes de outros atrativos.

Possuindo recursos financeiros e tempo livre para viajar, o turista busca ambientes, que supram suas necessidades de lazer, descanso e conhecimento.

Percebe-se que o turista atual vem buscando áreas verdes e escolhe o turismo na natureza como uma forma de suprir suas carências quanto ao contato com espaços naturais.

No entanto, como comenta CÂNDIDO (2003), tal atividade, se não bem planejada, poderá causar grandes danos ao espaço e às populações locais. Em função dessa característica de caráter predatório da atividade, observada principalmente na superlotação de espaços turísticos, nos períodos de alta temporada, e com o surgimento de projetos de empreendimentos que acabam com ecossistemas naturais como manguezais, dunas, florestas, é que surgem preocupações relacionadas com a relação entre o turismo e os espaços naturais. Nesse contexto a autora alerta:

Muitas vezes, são comercializados roteiros, ditos ecológicos, mas que de ecológicos só têm o nome. No entanto, esta postura deve ser discutida por nós, profissionais de turismo, estudantes, professores e todos aqueles que buscam a sustentabilidade da atividade turística (CÂNDIDO, 2003, p.176).

---

<sup>1</sup> Todo lugar, objeto ou acontecimento de interesse turístico que motiva o deslocamento de grupos humanos para conhecê-los. (BENI, 2001, p. 297)

<sup>2</sup> Instituto Brasileiro de Turismo.

Analisando a associação de idéias presentes, o ensino do turismo deve ser orientado para dar apoio à consolidação e ao desenvolvimento de atividades realmente comprometidas com o meio ambiente, aumentando assim a capacitação técnica dos profissionais desta área.

Assim, a qualificação profissional daqueles que realizam atividades relacionadas ao turismo deve ser abordada com a responsabilidade que o crescimento do setor exige, dada sua importância social e econômica.

Segundo MACIEL & SHIGUNOV NETO (2002), para que isso aconteça, será necessário que as entidades de ensino, além de dar respostas satisfatórias às empresas do setor, tenham um bom nível acadêmico e pedagógico, demonstrem ser técnica e profissionalmente confiáveis e possuam um enfoque conceitual e tecnológico moderno.

Dessa forma, o profissional do turismo deve ter amplo domínio dos conhecimentos, das habilidades e do entendimento necessários para o bom desempenho de suas funções, sendo fundamental para essa área o tema da Educação Ambiental.

Nesse sentido, o pleno aproveitamento do pessoal no ramo de turismo, somente será possível mediante o planejamento de cursos que incluam qualificação técnica, avaliação das condições pessoais desses alunos para atuar na área ambiental.

MEDINA & SANTOS (2001) argumentam que a educação ambiental pode permitir, pelos seus pressupostos básicos, uma nova interação criadora que redefina o tipo de pessoa que se quer formar e os cenários futuros que se deseja construir para a humanidade, em função do desenvolvimento de uma nova racionalidade ambiental.

Segundo os autores, torna-se necessária à formação de indivíduos que possam responder aos desafios colocados pelo estilo de desenvolvimento dominante, a partir da construção de um novo estilo harmônico entre a sociedade e a natureza e que, ao mesmo tempo, sejam capazes de superar a racionalidade meramente instrumental e economicista, que deu origem às crises ambiental e social que hoje nos preocupam.

Assim, ressalta-se que a racionalidade não pode ser induzida pelo racionalismo econômico, ou seja, não pode ser induzida pelas oportunidades de ganhos. Deve-se voltar à busca de soluções conscientes e socialmente justas. Uma solução para o problema ambiental implica em condicionar a racionalidade econômica a uma racionalidade que envolva outros valores.

A preservação do meio ambiente é um tema que se torna cada vez mais presente em todos os segmentos da sociedade e, para que as novas exigências que essa consciência

ecológica traz consigo sejam disseminadas, é preciso um processo de reeducação. Nesse âmbito, a Universidade deve redimensionar seu projeto político-pedagógico, promovendo uma melhor qualidade de vida e repensando a relação entre a sociedade e a natureza.

Segundo BURSZTYN (1994), a deteriorização, bem como o uso excessivo dos bens ambientais nas atividades de produção e consumo (transformando-os em bens raros e objetos de conflito), se deve principalmente ao fato de que, até alguns anos atrás, estes eram considerados bens livres, disponíveis em quantidade ilimitada e de apropriação gratuita. Nos dias atuais sabe-se o que este pensamento absurdo acarretou na construção de uma sociedade urbana industrial assentada no uso massivo dos recursos naturais e as custas da redução sensível da biodiversidade.

A noção de desenvolvimento sustentável vem sendo utilizada como portadora de um novo projeto para a sociedade, capaz de garantir, no presente e no futuro, a sobrevivência dos grupos sociais e da natureza, e ainda de refletir sobre a atual organização econômica de nossa sociedade. Nesse âmbito, é importante ressaltar que:

Esse repensar implica estudos ambientais e econômicos, bem como suas inter-relações e a sua interdependência. São eles que poderão dar apoio as reflexões e síntese desse tema, buscando soluções para o momento/período que vivemos, ou seja, estudos que possam cooperar cientificamente com um futuro mais próspero economicamente, porém mais justo, mais seguro, mais harmonioso (RAMPAZZO, 1997, p.159).

### **Os desafios do Turismólogo na busca da Sustentabilidade no Turismo**

Para GOIDANICH e MOLETTA (2000), os grandes centros urbanos e o estresse da vida moderna têm gerado uma demanda cada vez maior por atividades ambientais. Porém, ocorre que os destinos turísticos, na maioria das vezes, estão despreparados para receber um número grande de visitantes, gerando um impacto negativo junto aos atrativos.

Para o desenvolvimento de uma atividade turística dita sustentável, faz-se a exigência da incorporação de princípios e valores éticos, de uma forma de pensar na democratização de oportunidades e benefícios, e num novo modelo de implementação de projetos, centrado em parcerias, responsabilidade e participação.

Como já foi dito anteriormente, uma gestão consciente da atividade turística por parte dos bacharéis de turismo providos de conhecimentos como a educação ambiental, tem sua origem na sua formação acadêmica, quando essa for apropriada.

PANOSO NETTO (2003), em suas reflexões sobre o contexto da implantação dos cursos de turismo no Brasil, comenta que o turismo não é um curso tradicional como o de Direito, Medicina Administração, etc. Ele constitui-se como um curso novo no cenário nacional e mundial.

Nessa perspectiva o autor disserta sobre a forma como o turismo é ensinado nas faculdades e universidades brasileiras, e também comenta a falta de informação da comunidade em geral e muitas vezes acadêmica, quanto a atividade profissional do turismólogo. É de consenso geral a informação de que o profissional formado em medicina, é médico, trata da saúde, o profissional formado em administração, é administrador, trabalha em empresas, e assim por diante. Mas, o profissional formado em Turismo, o que ele é? O que ele faz?

No intuito da compreensão sobre a relação entre turismo, educação ambiental e a formação do turismólogo, é preciso que sejam esclarecidas algumas considerações essenciais, a respeito da capacitação deste último, o autor contribui:

Quem faz turismo não se torna guia de turismo. O guia de turismo é um profissional que faz o curso técnico de guia com 900h/aula, concluídas num período de 10 a 12 meses e seu trabalho pode ser resumido em guiar grupos de pessoas e elaborar roteiros. Por outro lado, o turismólogo é a pessoa que deverá descobrir novas oportunidades de turismo, planejar os destinos turísticos para receber os turistas, estudar os impactos ambientais causados pela atividade e lutar pela boa relação entre visitante e visitado, entre outras coisas. Ele é um administrador da atividade. É alguém que pensa e executa o turismo (PANOSO NETTO, 2003, p. 24).

O turismólogo é o profissional que deve conhecer os aspectos principais do turismo em todos os seus segmentos do ponto de vista técnico e operacional.

Ele deve ter como perfil à vocação para lidar com os sentimentos e as emoções das pessoas e necessita de profundos conhecimentos ligados à natureza e à cultura para que possa trabalhar o turismo com ênfase em meio ambiente. Cabe a este profissional também, conhecer gestão e leis ambientais; e precisa não só conhecer o potencial turístico, o patrimônio histórico e cultural de um local ou cidade turística, trabalhar belezas cênicas e paisagens naturais, mas também, e principalmente, saber conciliar e relacionar o turismo com o meio ambiente.

A respeito da aproximação que há entre as áreas de educação e turismo, AZEVEDO (2002) menciona a interdisciplinaridade que permeia ambos os campos, a correlação

espaço/cultura/educação. Essa interdisciplinaridade, encontra-se encravada nas manifestações e fluxos turísticos, nos vínculos estreitos entre turismo e educação ambiental e no fato de a prática turística constituir um processo essencialmente pedagógico, de aprendizagem constante, seja através de outras realidades e diferentes estilos de vida, seja na exigência de formação específica dos profissionais.

De acordo com essa narrativa, RODRIGUES (2000), considera a necessidade de se conhecer as formas pelas quais o turismo se caracteriza como uma atividade complexa, que produz e consome espaços sociais e paisagens. Ele analisa o turismo não apenas como um consumidor direto da “paisagem”, natural, mas o circuito produtivo da atividade de forma ampla:

A apropriação é realizada e pensada para que os turistas (consumidores) sejam conduzidos para um determinado lugar e consumam, intensa e fugazmente, a paisagem, o ambiente natural, o território, o espaço. Nesse consumo fugaz e intenso está implícito o consumo de outras mercadorias: o mergulho ou o passeio de barco (no mar), o passeio de carro (em terra), as fotos que serão tiradas, as bebidas (enlatadas ou engarrafadas) que serão consumidas, os sorvetes, a alimentação, etc., além é claro, do transporte até chegar ao lugar. Retomamos assim, a questão da complexidade turística – que não deve ser pensada isoladamente como se houvesse apenas o “comércio” da natureza (RODRIGUES, 2000, p.183).

O autor acredita que este é o desafio para se analisar a atividade turística e suas implicações ambientais, ou seja, deve-se ir além dos atributos positivos ou negativos, a fim de se atingir a compreensão da complexidade desse fenômeno.

Em vista dessas colocações, nota-se o quanto deve ser pensado e estudado o processo de formação acadêmica do turismólogo, que terá, na sua futura atividade profissional, estar ciente da complexidade do fenômeno turístico, e das suas relações intrínsecas com o meio ambiente onde atua.

O turismólogo tem uma responsabilidade muito grande no que diz respeito ao gerenciamento dos recursos naturais utilizados como atrativos turísticos, principalmente porque ele será o mediador entre os turistas e esses recursos. Cabe a ele também, não só aos guias de turismo, orientar os visitantes quanto ao seu comportamento aos lugares visitados, ou seja, o turismólogo deve ser preparado também, dentre outras funções, atuar como Educador Ambiental.

Na esteira dos estudos sobre a atividade turística e seu aspecto educativo é que surge o Ecoturismo, que propõem o deslocamento de pequenos grupos de pessoas, em visita a áreas naturais protegidas, com um impacto mínimo no aspecto físico, social e cultural.

Na perspectiva de CASCINO (2000), o homem pós-moderno visita a natureza, na busca de um elo consigo próprio. A ampliação da demanda por ecoturismo tem, portanto, uma conotação social séria, positiva, de construção, articulada com um profundo contexto transformador.

No entanto, o ecoturismo tem sido alvo de uso indiscriminado, sendo empregado, por profissionais de baixa qualificação, relacionando qualquer fenômeno relativo à natureza, ou mesmo comparando-o ao turismo convencional. Nesse âmbito, Barbosa conclui:

O ecoturismo, de um lado, persegue os princípios da conservação da natureza e da conservação ambiental, e por outro lado acaba subjugando-se às leis de mercado de um capitalismo ávido por lucro de que o turismo não esta imune. Nesse sentido, para atrair turistas, comercializa-se a natureza como qualquer outro produto carregado de fetiche (BARBOSA, 2001, p.53).

Criar o ecoturismo é de responsabilidade de indivíduos preocupados em constituir o novo, em avançar com as possibilidades de transformação de grupos e de indivíduos. O ecoturismo pressupõe o envolvimento de profissionais, não só capacitados tecnicamente como qualquer atividade turística demanda, mas preocupados com os valores éticos que essa atividade requer. Assim como Barbosa, Cascino alerta:

Não podemos permitir, que a mediocridade mercadológica, que tudo transforma em circo, mercadoria, aparência, custo, pacote, coisificando lugares, pessoas, vontades, sonhos, possa suplantar a vontade e a necessidade de transformar. Permitir o funcionamento de tal mecanismo é ser conivente, aceitar o preço, ser cooptado. Denunciarmos a mediocridade, não lhe darmos trégua, lutarmos constantemente, não nos tornarmos medíocres: eis nossa única alternativa (CASCINO, 2000. p.205).

Assim, o grande desafio do turismólogo é essa delicada e estreita relação entre turistas, turismo e meio ambiente, e ainda, trabalhar este último de forma que se possa preservá-lo e recuperá-lo.

## **Considerações Finais**

O presente artigo objetivou fazer uma contribuição, no que se refere ao estudo da relação entre o Turismo Sustentável e a Educação Ambiental, como também, tecer análises e reflexões acerca da qualidade da formação acadêmica e profissional dos Turismólogos.

Sabe-se que, o sentido maior do Turismo é satisfazer o desejo das pessoas em viajar e vivenciar novas experiências, nos mais diferentes locais.

Nesse âmbito, surge um novo profissional, o Turismólogo, que se destaca em vários segmentos desse universo, como é o caso do turismo com ênfase em meio ambiente, cuja base está na relação do turismo e do turista com a natureza.

Torna-se relevante, todo o valor desse novo profissional e o grande desafio de sua profissão, que é o de tornar o turismo um aliado e não um grande vilão em sua relação com o meio ambiente.

A relação entre o turismo e o meio ambiente é muito próxima, daí a importância de agentes de turismo bem preparados, tanto para saber gerenciar os recursos naturais, quanto para educar ambientalmente os visitantes, orientando para a preservação dos atrativos.

Entende-se dessa forma, que a discussão sobre a inter-relação Turismo e Educação Ambiental, torna-se imprescindível, na qualificação da formação profissional do Turismólogo.

## BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Julia. Educação, Turismo e Enraização de Propostas Turísticas. In: AZEVEDO, Julia; IRVING, Marta de Azevedo. **Turismo: o desafio da sustentabilidade**. SP: Futura, 2002.

BENI, Mario Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 5.ed. São Paulo: SENAC, 2001.

BARBOSA, Ycarim Melgaço. **O despertar do Turismo: um olhar crítico sobre os não lugares**. SP: Aleph. 2001.

BURSZTYN, Maria Augusta Almeida. **Gestão ambiental: instrumentos e práticas**. Brasília: IBAMA, 1994.

CÂNDIDO, Luciene Aparecida. Turismo e espaços naturais. In. BALDISSERA, Rudimar; ASHTON, Mary Sandra G. (orgs.). **Turismo em perspectiva**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

CASCINO, Fabio. Pensando a Relação entre Educação Ambiental e Ecoturismo. In. SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloisa Turini; LUCHIARI, Maria Tereza (orgs.). **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas, SP: Papyrus, 2000. p.189-206.

GOIDANICH, Karin Leyser; MOLETTA, Vânia Florentino. **Turismo Ecológico**. 3ed. Porto Alegre: SEBRAE/RS. 2000.

IGNARA, Luis Renato. **Fundamentos do turismo**. 1.ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

MACIEL, Lisete S. B.; SHIGUNOV NETO, Alexandre. Formação profissional nos cursos de turismo do Brasil: Algumas reflexões à luz da LDB/96 e das diretrizes curriculares para os cursos de graduação. In. MACIEL, Lisete S. B.; SHIGUNOV NETO, Alexandre (orgs.). **Currículo e formação profissional nos cursos de turismo**. SP: Papyrus, 2002. p.17-64.

MEDINA, Nana Minini; SANTOS, Elizabeth da Conceição. **Educação ambiental: uma metodologia de formação**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

PANOSO NETTO, Alexandre. A educação superior em turismo no Mato Grosso. In. PANOSO NETTO, Alexandre; SQUINELO, Ana Paula (orgs.). **Reflexões em Turismo: Mato Grosso e outros temas**. Mato Grosso: UCSB, 2003. p.19-37.

RAMPAZZO, Sônia Elisete.. A questão ambiental no contexto do desenvolvimento econômico. In: BECKER, Dinizar Fermiano (org.). **Desenvolvimento sustentável: necessidade e/ou possibilidade?** Santa Cruz do Sul: UDUNISC, 1997. p.157-188.

RODRIGUES, Arlete Moysés. Desenvolvimento sustentável e atividade turística. In. SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloisa Turini; LUCHIARI, Maria Tereza (orgs.). **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas, SP: Papyrus, 2000. p.171-188.